



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Narrativas pandêmicas: entrevista com Mônica Augusto e Ivan Bernardelli

Entrevista com Mônica Augusto e Ivan Bernardelli

Concedida à Flávia Brassarola Borsani Marques

Para citar este artigo:

AUGUSTO, Mônica; BERNARDELLI, Ivan; MARQUES, Flávia Brassarola Borsani. Narrativas pandêmicas: entrevista com Mônica Augusto e Ivan Bernardelli. **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.2, n.51, p.1-24, jul. 2024.



DOI: 10.5965/1414573102512024e0503



A Urdimento está licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



## Narrativas pandêmicas: entrevista com Mônica Augusto e Ivan Bernardelli

Entrevista com Mônica Augusto<sup>1</sup> e Ivan Bernardelli<sup>2</sup>  
Concedida a Flávia Brassarola Borsani Marques<sup>3</sup>

### Resumo

A pandemia da covid-19 gerou uma crise global na saúde, impactando profundamente as atividades artísticas e culturais em todo o mundo, incluindo o Brasil. Como pesquisadora, senti a necessidade de investigar o impacto desse cenário na produção de dança. Para isso, entrevistei artistas da cena contemporânea paulistana, incluindo Mônica Augusto e Ivan Bernardelli, diretores da Cia. Dual, para compreender como enfrentaram os desafios e redesenharam suas abordagens diante dessa realidade única. Suas narrativas revelam não apenas a adaptação, mas também a resiliência e a reinvenção necessárias para sobreviver e resistir nesse novo contexto.

**Palavras-chave:** Pandemia. Dança. Cia. Dual. Mônica Augusto. Ivan Bernardelli.

### Pandemic narratives: interview with Mônica Augusto and Ivan Bernardelli

#### Abstract

The covid-19 pandemic came about a global health crisis, deeply impacting artistic and cultural activities worldwide, including Brazil. As a researcher, I felt the need to investigate the repercussions of this scenario on dance production. I conducted interviews with artists from the contemporary scene in São Paulo, including Mônica Augusto and Ivan Bernardelli, directors of Cia. Dual, to understand how they faced the challenges and redesigned their approaches in this unique reality. Their narratives unveil not only adaptation but also the resilience and reinvention required to survive and resist in this new context.

**Keywords:** Pandemic. Dance. Cia. Dual. Mônica Augusto. Ivan Bernardelli.

### Narrativas de la pandemia: entrevista a Mônica Augusto y Ivan Bernardelli

#### Resumen

La pandemia de Covid-19 ha desencadenado una crisis global en la salud, impactando profundamente las actividades artísticas y culturales en todo el mundo, incluyendo Brasil. Como investigadora, sentí la necesidad de investigar el impacto de este escenario en la producción de danza. Por ello, entrevisté a artistas de la escena contemporánea paulistana, entre ellos Mônica Augusto e Ivan Bernardelli, directores de la Cia. Dual, para comprender cómo afrontaron los desafíos y rediseñaron sus enfoques ante esta realidad única. Sus narrativas no solo revelan la adaptación, sino también la resiliencia y la reinvención necesarias para sobrevivir y resistir en este nuevo contexto.

**Palabras-Clave:** Pandemia. Danza. Cia. Dual. Mônica Augusto. Ivan Bernardelli.

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação das Artes do Corpo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Formada na Escola de Artes Dramáticas (EAD) da Universidade de São Paulo (USP). Atriz, dançarina, cantora e educadora. [✉ dual.cena@gmail.com](mailto:dual.cena@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Diretor, coreógrafo e bailarino da Cia. Dual.

[✉ dual.cena@gmail.com](mailto:dual.cena@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/6532120105999743>  <https://orcid.org/0000-0003-0187-4909>

<sup>3</sup> Pós-doutoranda em Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Arte e Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Especialização em Processos didático-pedagógicos para cursos na modalidade a distância pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp). Graduada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora de Arte no Colégio Franciscano Pio XII (São Paulo) e professora da Pós-graduação em Dança e Consciência Corporal (Universidade Estácio de Sá). [✉ flaviaborsani@gmail.com](mailto:flaviaborsani@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/1195053062026963>  <https://orcid.org/0000-0003-0365-5048>

## Introdução

Figuras 1 e 2 — Mônica Augusto - Foto: Carlos Sales e Ivan Bernardelli.  
Foto: Divulgação/Mídia Pente Fino<sup>4</sup>.



Durante a pandemia da covid-19, um vírus desenhou um cenário imprevisível de grave crise de saúde pública mundial, o qual não só obrigou a população mundial a adotar medidas de isolamento social e de higiene, mas também afetou drasticamente a economia de muitos países, dentre os quais, tristemente, cito o Brasil.

As atividades artísticas e culturais estão entre as primeiras que foram suspensas e uma das últimas a voltarem à normalidade. Em um primeiro movimento, a Arte, em sua diversidade de linguagem, fez-se presente nas sacadas, nas *lives*, em variados espaços e formatos na tentativa de trazer alento e esperança ou, simplesmente, apresentou-se como passatempo, distração e entretenimento. Artistas se mobilizaram para realizar apresentações; outros utilizaram a temática como forma de expressão; outros pararam para entender o que está/estava acontecendo; e outros partiram ao ser acometidos pela doença. Os cômodos das casas viraram palcos, ateliês e as plataformas e ferramentas online passaram a ser conhecidas e mais utilizadas para não deixarem as pessoas sem espetáculos.

---

<sup>4</sup> Imagens disponíveis em <https://eurbanidade.com.br/entrevista-com-monica-augusto-e-ivan-bernardelli-blog-e-urbanidade/>. Acesso em: jun. 2023.



Vivenciar essa pandemia e acompanhar artistas, grupos e companhias neste cenário pandêmico, despertou em mim uma necessidade de investigar esse contexto. Como pesquisadora, decidi ampliar a escuta para aqueles que produziram dança nesse período tão diferenciado e desafiador. Para isso, quis ouvir as narrativas, por meio de entrevistas, dos sujeitos que produziram dança na época e como eles narraram e significaram sua experiência em relação ao corpo dançante nessa circunstância. Dentre os artistas que participaram do estudo intitulado "Narrativas pandêmicas: modos de produção da dança contemporânea na cena paulistana"<sup>5</sup>, estão Mônica Augusto e Ivan Bernardelli, que além de companheiros, partilham a direção da Cia. Dual, companhia da cena contemporânea da cidade de São Paulo que realiza espetáculos, ações pedagógicas e artísticas a partir de mitologias e fenômenos históricos associados à cultura brasileira.

É importante ressaltar que a delimitação dos participantes da referida pesquisa de doutorado seguiu o critério de relevância e destaque no cenário paulistano da dança contemporânea, englobando companhias oficiais e artistas, grupos, companhias e/ou coletivos independentes<sup>6</sup>. Dentre os independentes, foram selecionados aqueles que são reconhecidos pelas suas atuações no cenário elencado, assim como pela crítica especializada com diversas premiações e indicações pela APCA<sup>7</sup> e pelo Prêmio Denilto Gomes<sup>8</sup> nos últimos dez anos,

---

<sup>5</sup> Estudo desenvolvido sob orientação do professor doutor Odilon José Roble no Programa de pós-graduação em Educação Física da Unicamp. Além da tese, o estudo resultou na criação do documentário "Narrativas Pandêmicas" em parceria com a artista visual Natalia Pilati e cessão de entrevistas e materiais pelos artistas participantes e seus coletivos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KVd34GDkV-o>.

<sup>6</sup> É necessário ressaltar a importância de ter estes dois tipos de amostra no referido estudo, já que as companhias oficiais diferem das "independentes" em relação à estrutura de trabalho e organização, à forma como provém a verba para a manutenção, à produção e circulação de suas obras. As companhias identificadas como oficiais são mantidas pelas gestões estaduais e municipais, com financiamento público por meio de orçamentos diretos aprovados anualmente. Já as independentes procuram outras formas de garantir verbas para criação, circulação de suas obras e manutenção do elenco, tais como editais de patrocínio e leis de incentivo. Os participantes identificados como independentes selecionados neste estudo, diferente das companhias oficiais que são subsidiadas com verba pública, possuem em seu histórico projetos contemplados pela "Lei de Fomento à Dança da Cidade de São Paulo" e/ou ProAc e/ou outros editais de patrocínio.

<sup>7</sup> Prêmio APCA é um prêmio brasileiro criado em 1956 pela Associação Paulista de Críticos Teatrais (atual Associação Paulista de Críticos de Arte). Os ganhadores do Prêmio APCA são escolhidos anualmente entre o final de novembro e o início de dezembro, durante a reunião dos críticos membros da APCA.

<sup>8</sup> O Prêmio Denilto Gomes foi criado em 2013 pela Cooperativa Paulista com o propósito de difundir e reconhecer o trabalho do artista paulista. A premiação anual é submetida à escolha de uma comissão previamente nomeada.

contexto em que encontramos os artistas Mônica Augusto e Ivan Bernardelli junto à Cia. Dual<sup>9</sup>.

A Dual surgiu no ano de 2011 a partir dos desejos dos dois artistas de compreender como contar histórias por meio das potencialidades do corpo. Segundo Augusto (2020), "[...] o encontro com as histórias e mitologias brasileiras veio a partir do momento em que começamos a nos debruçar e compreender a necessidade de uma criação que falasse de nós, de nossos corpos e que, acima de tudo, dialogasse com o público"<sup>10</sup>. A partir de suas experiências com grupos de culturas, danças tradicionais e de suas diversas formações, eles buscam realizar trabalhos com base em mitologias e fenômenos históricos da cultura brasileira, bem como suas bases técnicas, estruturais e seus contextos histórico-culturais.

Figura 3 - "Duo para 2 perdidos"<sup>11</sup>. Foto: Erick Diniz.



---

<sup>9</sup> Anteriormente, a referida companhia era intitulada Dual Cena Contemporânea.

<sup>10</sup> Trecho da entrevista concedida por Mônica Augusto e Ivan Bernardelli à Ana Luiza Cardoso em 7 de agosto de 2020. Disponível em: <https://urbanidade.com.br/entrevista-com-monica-augusto-e-ivan-bernardelli-blog-e-urbanidade/>. Acesso em: jun. 2023.

<sup>11</sup> Imagem disponível em: <https://ciadual.wordpress.com/espetaculos/duo-para-dois-perdidos/#jp-carousel-88>. Acesso em: jun. 2023.

De seus interesses e pesquisas, foram criadas as obras "Duo Para Dois Perdidos" (2012, Prêmio Brasil Criativo 2016); "Terra Trêmula" (2014, contemplado pelo ProAC – Produção de Espetáculos Inéditos e Temporadas de Dança, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo); "Profetas da Selva" (2016, contemplado pelo ProAC – Produção de Espetáculos Inéditos e Temporadas de Dança, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo); "Chulos" (2017, contemplado pela 20ª edição do edital de Fomento à Dança da cidade de São Paulo; indicado como melhor estreia pelo Prêmio APCA e indicado como melhor espetáculo pelo Prêmio Bravo!).

Figura 4 - "Chulos"<sup>12</sup>. Foto: Alicia Peres.



<sup>12</sup> Imagem disponível em: <https://ciadual.wordpress.com/espetaculos/chulos/>. Acesso em: jun. 2023.

Figura 5 - “Terra trêmula”<sup>13</sup>. Foto: Naava Bassi.



Além das práticas relacionadas à Cia. Dual, os dois artistas desenvolvem trabalhos artísticos com outros coletivos e atividades de formação: Ivan, natural de São Bernardo do Campo (SP), é pesquisador e atua como preparador corporal e coordenador de oficinas, cursos e workshops. Já a paulistana Mônica Augusto é atriz, dançarina, cantora e educadora.

A entrevista foi realizada em 4 de novembro de 2021, com os artistas e

---

<sup>13</sup> Imagem disponível em: <https://ciadual.wordpress.com/espetaculos/terra-tremula/#jp-carousel-22>. Acesso em: jun. 2023.

diretores da Cia. Dual<sup>14</sup>, Ivan Bernardelli e Mônica Augusto, utilizando a ferramenta *Zoom*, que foi gravada, posteriormente transcrita e utilizada para a análise na referida tese. Optamos por manter a informalidade das falas. Os dados foram coletados por meio da Entrevista Narrativa, em que foi feito um convite aos participantes a narrar um episódio, fato ou circunstância da pandemia. Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas e enviadas aos participantes da pesquisa para verificação, momento em que puderam sugerir alterações (retirar, mudar ou acrescentar partes em suas narrativas). Somente após essa devolutiva, os dados foram analisados.

Neste estudo, optei pelo uso da Entrevista Narrativa, que teve a sistematização sugerida pelo alemão Fritz Schütze em um manuscrito escrito em 1977; porém, não publicado. Sua ideia básica era reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes que foram encorajados e estimulados a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Nesse tipo de entrevista, o entrevistador visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado a lhe contar algo de seu interesse, tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do diálogo, interação e colaboração entre eles.

A opção por esse tipo de entrevista é justificada pelo fato de entender que é por meio das narrativas que podemos "compreender a relação entre indivíduo e estrutura e o esquema conceitual construído de maneira significativa pelos sujeitos ao relatarem suas experiências e trajetórias" (Weller; Zardo, 2013, p. 132).

Após a escuta das narrativas, elas foram transcritas por um profissional contratado que buscou transformar o discurso oral em escrita literal. Foram necessárias intervenções textuais, tais como corrigir erros ortográficos ou gramaticais e alguns vícios da linguagem oral a fim de facilitar a leitura, mas

---

<sup>14</sup> No período anterior à pandemia, a Cia. Dual se configurava com sete artistas em cena, um diretor musical, um dramaturgo, uma produtora, um assistente de produção, um sonoplasta, um iluminador, dois figurinistas, um cenotécnico, um aderecista, equipe de comunicação e alguns artistas convidados como professores e orientadores de treinamento corporal. Na época da pandemia, conseguiram trabalhar remotamente até o início de 2021. Após esse tempo, como dito no decorrer da entrevista, alguns artistas do elenco retornaram para suas cidades de origem, reconfigurando a companhia com uma equipe reduzida. Atualmente, o núcleo artístico é composto somente pela Mônica Augusto, Ivan Bernardelli e Hélio Feitosa como artista colaborador. Hoje, os diretores da Cia. Dual compreendem que têm trabalhado com artistas colaboradores, sem um formato permanente de elenco. No total, contam com doze profissionais entre elenco, direção, sonoplastia, produção, iluminação e artistas provocadores.



sempre em busca de manter a espontaneidade, as ambiguidades e movimentos do discurso oral.

Cada narrativa pode revelar experiências individuais ou coletivas a partir do ponto de vista de quem está narrando, revelando singularidades e particularidades sobre o tema que foi experienciado. Nesse sentido, entendo que a pandemia de coronavírus desenhou um contexto diferente para a atuação de artistas, grupos e companhias. Dar voz a eles significará desvelar como passaram por este novo cenário e redesenharam seus modos de agir e de resistir no mundo.

## A entrevista

**Flávia Borsani** - Vou fazer uma fala disparadora e depois passo para vocês. Eu gostaria que vocês falassem sobre a produção da Dual um pouco antes da pandemia e durante esse período. Se vocês quiserem trazer também algumas sensações e memórias do corpo mesmo para engrandecer a fala, é bem-vindo.

**Ivan Bernardelli** - Bom, em 2019 aprovamos um fomento com um projeto chamado "A invenção do Sertão" e propusemos a circulação do tríptico sertanejo e a segunda edição do curso "A história prática da dança no Brasil". Que esse curso abrisse o ano de 2020 foi a decisão mais sábia e poderosa que tivemos. Difícil, porque tivemos que virar dezembro para janeiro trabalhando para ele acontecer na Escola de Dança de São Paulo, que na época estava na Praça das Artes, o Bongiovanni estava lá. Conseguimos fazer em janeiro e foi uma decisão maravilhosa, porque seria muito diferente ser online. A partir disso, saímos com uma temporada de "Tríptico sertanejo", fizemos Centro Cultural São Paulo, Sesc São José dos Campos e tínhamos conquistado, graças à Solange Borelli, produtora que estava conosco na época, uma temporada de três semanas no teatro Sérgio Cardoso. Coisa rara!

**Mônica Augusto** - Que é difícil para a dança conseguir uma temporada longa.

**Ivan Bernardelli** - E casou essa temporada do Sérgio Cardoso, que também teria um encontro presencial chamado "A invenção do sertão", traríamos o Abreu, mas depois acabou sendo online. Olha só, eu e Hélio iríamos fazer o duo "Para dois



perdidos" em um festival no Cairo, no Egito, o D-CAF (*Downtown Contemporary Arts Festival*). Iríamos no final de março, voltaríamos no começo de abril e entraríamos em temporada do "Tríptico sertanejo".

**Mônica Augusto** - E eram muitas apresentações, vinte...

**Ivan Bernardelli** - Não, eram dezoito.

**Mônica Augusto** - Eram dezoito, mas era uma boa temporada, porque anteriormente, quando nós estreamos o "Tríptico", era um ProAC. Então, não foi uma grande circulação, o trabalho está fresco ainda, morrendo de vontade de circular. E aí coincidiu que bem na semana que viríamos para o Sérgio Cardoso.

**Ivan Bernardelli** - Não, iríamos fazer o Centro Cultural Santo Amaro.

**Mônica Augusto** - Ai, fechou tudo, parou tudo, e como todo mundo, achamos que fosse durar um mês, uma semana e aqui estamos. Estão dizendo que é pós-pandêmico, mas para mim ainda estamos em pandemia, tentando ser pós-pandêmico.

**Ivan Bernardelli** - Teve algo muito estranho, porque eu fui para o aeroporto trocar a passagem e era o mundo das máscaras já. A coisa estava muito louca. Eu consegui trocar as passagens para novembro, porque, afinal de contas, em nossa cabeça a pandemia iria durar dois meses. Iríamos aproveitar para ler os livros, ficar mais em casa com as crianças e novembro estaríamos no Cairo.

**Mônica Augusto** - E não foi isso que aconteceu. Quando falamos que foi muito bacana ter rolado o curso em janeiro é porque depois, ao longo de 2020, o encontro que tivemos tinha trinta, quarenta participantes, muita gente veio, ele nutriu. Estamos já no segundo ano de pandemia e perdemos a noção, mas essa memória de suarmos junto com muitas pessoas foi a que foi nos mantendo, nos sustentando. Sempre agradecíamos por ter iniciado o ano e ficar com bolhas no pé de tanto dançar, de tanto rir junto, de tanto chorar, porque nesse curso sempre choramos muito, descobrimos muita coisa. Ele nos nutriu muito e acho que, de encontros com uma galera, foi o último momento que me lembro de estar em uma sala com trinta, quarenta pessoas. É o último momento que me lembro. Não,



mentira. Depois teve carnaval, dançamos e pulamos muito, levamos a Sarah em muitos blocos. Depois, tudo foi bloqueado e entramos nesse movimento de isolamento total. E estamos abrindo agora, o que é muito estranho. Entrando já nesse momento da pandemia.

**Ivan Bernardelli** - Não, ela falou só pré-pandemia.

**Mônica Augusto** - Ah, é só pré-pandemia?

**Flávia Borsani** - Pré e pandemia.

**Ivan Bernardelli** - Então, três horas será pouco.

**Mônica Augusto** - E entrando nesse movimento de pandemia, todos pensando que duraria duas semanas, umas férias. Nós não tínhamos parado, ufa! Só que não. Em um primeiro momento, quanta *live*, quanta coisa legal. Logo no início da pandemia, eu entrei bastante no fluxo online, porque dou umas aulas de ioga também. Então, abracei também esse movimento de trocar com as pessoas esse lugar de cuidado, o *Zoom*. Conectar as coisas no virtual já foi uma realidade logo nas primeiras semanas pandêmicas. Logo depois nos vimos tendo que jogar ensaios para online e, ao mesmo tempo, não ter vontade daquilo, porque aquilo era fachada. Trabalhamos com profundidade, com dimensão, com presença, então nós fizemos muitas perguntas e nos permitimos esse tempo. Também com vários movimentos paralelos da Dual fazendo trabalhos com outras pessoas, coordenando outros, e havia prazo. Então, começamos a ensaiar online e aprender como seria tudo aquilo.

**Ivan Bernardelli** - Mas acho que nós ficamos dois ou três meses em depressão, parados, sem conseguir agir. Assim, agindo, mas sem conseguir acreditar que aquilo, pelo menos no sentido da Dual, poderia ser uma realidade que envolvesse afeto, que envolvesse perspectivas que somassem na nossa discussão, no nosso fazer artístico.

**Mônica Augusto** - Tanto que tivemos pouquíssimos encontros com a turma toda que faz parte da companhia. Tivemos algumas conversas, mas ir para o corpo



no sentido de trazer o movimento, nós não estávamos indo, porque achávamos aquilo muito esquisito. Então foi o momento que começamos a repensar, os projetos também começaram a criar outros formatos e constatamos que teríamos que enfrentar tudo aquilo, mergulhar em tudo aquilo e entender como viabilizar.

**Ivan Bernardelli** - Parece que acordamos, virou uma chave.

**Mônica Augusto** - É! E começamos a produzir bastante, decidimos brincar, brincar com o cinema, brincar com a tela.

**Ivan Bernardelli** - Fizemos uma série de *lives* no Instagram que era a "História(s) da(s) dança(s) no(s) Brasil(is)" e chamamos muita gente que não víamos há muito tempo e queríamos conversar.

**Mônica Augusto** - E que estavam em outros estados e sempre queríamos trazer, mas não tínhamos verba. Então, por que não? Vamos chamar essas pessoas para uma *live* e colocar essa conversa em dia.

**Ivan Bernardelli** - Aí, destravou e entramos na produção digital de Instagram, entendendo um pouco do que era aquilo, um pouco da dinâmica de *lives*, da empatia, que eu descobri muito. Mônica me ajudou demais, porque eu era pouco empático nas *lives* que fomos convidados. Então, fomos descobrindo também como se manter digitalmente no mesmo sentido afetuoso, que é bem humorado...

**Mônica Augusto** - Acho que isso é uma chave para mim. Ficamos nesse momento de depressão, não sei se depressão, mais uma inércia. Acho que a depressão para mim veio mais no final do ano, não passava. No começo, eu fiquei mais empolgada, queria deixar todos bem e eu fui muito para fora, mas, depois, a coisa se complicou. Seis meses depois, vi que não iria dar certo e pensei em morar no mato e vender água de coco. A reserva, que era pouca, acabou, e acho que já vivemos uma vida do privado e do público enquanto artistas, que já é outra dimensão, e com essa abrangência da internet mais ainda, então tudo se misturou. Éramos nós dois, filha, casa, não poder sair, a interação com os outros, querendo ver a família, nós querendo fazer outro tipo de isolamento, o proprietário pedindo a casa. Então, tudo isso foi um grande atravessamento e o desafio era como



transformar isso em ferramenta artística. Acho que o primeiro lugar foi o afeto, como conseguiríamos estar aqui com afeto. Então, chamamos artistas que gostávamos muito, pessoas que nos inspiravam e foi um momento de começar a nos revermos também, um momento de olhar para a própria história e recordar como éramos fãs das pessoas que agora estávamos chamando, o quanto elas tinham nos ensinado, porque fomos para outra dimensão de tempo, de olhar outras coisas. Inclusive, para mim, foi um momento muito importante de ver tantos artistas produzindo tantas *lives*, porque, às vezes, no trato diário do trabalho, não conseguimos assistir a tantos colegas ou acompanhar os processos, nos encontramos, mas nunca temos tempo. Então, poder acompanhar o processo de outros colegas compartilhando em *live* ou o que quer que fosse foi legal, porque rolou aproximação de várias pessoas e grupos que já gostávamos, mas não tinha tempo para conversar, poder escutá-los nas *lives*, expandir o nosso pensamento. Isso também mexeu com muitas estruturas de nos repensarmos, de dar aquela pausa e perceber que podemos nos reinventar. Acho que enquanto produção, e pulando só um pouco, mas já falando desse ano, que fomos para uma nova produção do "Pavão misterioso" e que fizemos em parceria com o Lucho<sup>15</sup> do México, fazendo direção geral, revisitados e provocados por outros e todos esses outros que encontramos, vimos e um lugar de se lançar em uma novidade, nem sei se foi novo, mas foi muito atravessamento esse processo, porque era a nossa casa. Havíamos acabado de mudar. Às vezes, tínhamos e temos preocupações estéticas que entravam em nossa vida, porque havíamos acabado de nos mudar e a casa estava bagunçada.

**Ivan Bernardelli** - Eu estava vendo seminário da Unicamp e enchendo uma caçamba de entulho, porque tivemos que fazer uma reforma. Estávamos no online, muita loucura.

---

<sup>15</sup> Coreógrafo e encenador mexicano, Luis Rubio nasceu na cidade de Mazatlán (Sinaloa, México). Iniciou seus estudos de Dança no Centro Nacional de Danza Contemporánea, na cidade de Santiago de Querétaro (México) e concluiu sua formação na Escuela Profesional de Danza de Mazatlán (2010). Trabalha como coreógrafo, diretor, dramaturgo, bailarino e educador. Foi codiretor do filme "Pavão misterioso" da Cia. Dual. Em 2014, fundou o coletivo enNingúnlugar — plataforma de criação e investigação cênica — através do qual desenvolveu projetos como "MOV- Foro de Arte y cultura para repensar la migración", "La Trinchera — Plataforma Multidisciplinaria para estudiar el cuerpo y la escena" e "CASA VERDE – Centro Cultural Alternativo". Em 2018, realizou turnê pela América Latina com o projeto "Latino America en Ningún lugar", financiado pelo FONCA, realizando apresentações de espetáculos e workshops no Paraguai, Brasil, Equador, Chile, Colômbia, Uruguai e Argentina.



**Mônica Augusto** - É, aquele caos, e como revelávamos isso. Começou a ficar cansativo esse lugar desse quadradinho e a vida acontecendo aqui. Estamos conversando aqui e agora está tranquilo, mas a criança, às vezes, brincando lá, como se expor também e acho que esse trabalho falou um pouco disso. Mas voltando para o ano de 2020, fizemos o "Bruta mirada" que seria o "Tríptico sertanejo" e constatamos que não daria para circular.

**Ivan Bernardelli** - Esse registro [do espetáculo "Tríptico"] não teria o mesmo impacto de teatralidade na sala de cênica, mesmo com todas as câmeras, se fosse transmitido ao vivo. Então, fizemos o ciclo de encontros. Convidamos cinco pessoas para abordar o sertão de maneiras distintas e foi algo de muito aprendizado. Foi uma maneira de fazer um curso online com várias pessoas e com dinâmicas diferentes, porque tinha receita, conversa, choro, canto, festa.

**Mônica Augusto** - Flávia, você não fez?

**Flávia Borsani** - Não, eu tinha descoberto que estava grávida; então, fiquei parada, literalmente parei.

**Ivan Bernardelli** - E para mergulharmos na invenção do sertão, reinventamos o trabalho do "Tríptico sertanejo" a partir dos lugares, porque Kleber foi para Juazeiro, Diogo voltou para São José dos Campos, Flávia estava se mudando também.

**Mônica Augusto** - É, porque na nossa companhia todos moram em São Paulo, mas têm suas famílias em outras regiões. Nesse momento, todos foram se recolher em família e muitos tiveram que sair de casa, porque não tinham dinheiro, então houve uma dissipação. E junto com a Alicia Peres — que fez a direção — em Dublin, na Irlanda, tinha ido para fazer mestrado e não poderia voltar.

**Ivan Bernardelli** - Então chamei a Alicia, que é uma parceira desde sempre, para fazer a direção do "Bruta mirada". Roteirizamos tudo online, com filmagens de celular e fomos entender a produção, o que podemos com câmeras, com lentes, com celulares e sempre na perspectiva da criação, não exatamente tendo



um ferramental maravilhoso, porque cada um filmava com seu celular e, às vezes, a qualidade ruim dava até uma perspectiva interessante para a imagem filmada.

**Mônica Augusto** - Acho que foi o início desse mergulho nas personalidades, nas biografias, porque de certo modo eu analiso o nosso trabalho artístico sempre nos atravessando muito pessoalmente. Nos afeta política e esteticamente, mas também temos um compromisso com uma estética e com um fazer que esteja para além de nós no sentido de não estamos comprometidos, mas olhamos para a história na construção das nossas narrativas e ela explode a nossa personalidade. Mas, de certo modo, a pandemia também nos convidou a fazer o movimento inverso, porque depois de toda essa explosão, como voltar para toda essa historicidade, para esse corpo que está confinado e não pode encontrar os seus, que se organiza na relação e no contato ao vivo, presencial com outro? E como é desnudar-se um pouco? Porque foi um processo de desnudar-se. No "Bruta mirada" mesmo vieram à tona várias memórias muito afetivas e singulares de cada um dos artistas para falar dos seus sertões, do seu sertão pessoal, onde estava o nosso sertão. Não que não tivéssemos em alguma dimensão falando disso no trabalho, quando era o tríptico, estava, mas em uma dimensão mais ampla que se fechou em uma telinha e nos rasgou, nos envolveu e mexeu muito conosco. Olhar não mais aquele recorte, porque por vezes ficamos inseridos em um meio, estamos nos fazeres, trabalhando e protegido por esse meio e, de repente, não. Estavam todos usando aquela ferramenta e lançando suas coisas nessa rede para tentar se comunicar, para tentar estar junto, tentar se acompanhar.

**Ivan Bernardelli** - Acho que por um lado Mônica fala sobre essa lupa, essa lente que dá o zoom nas biografias e nas histórias de pessoas que são únicas, mas também são muitas. Em "Bruta mirada", quando nos olhamos, percebemos que precisávamos nos olhar e olhar para os outros com a ajuda de todos. Então, chamamos pessoas para colaborar em áudio, gente que estava em vários lugares do país e isso foi maravilhoso.

**Mônica Augusto** - Acho que a coisa mais maravilhosa foi reconhecer, e não sei se a tempo, um processo de "ensimesmamento", eu daria esse nome. Esse ano



estamos comemorando dez anos de Dual, sem contar alguns anos antes que estávamos em umas brincadeiras juntos, mas é natural que o processo vá se fortalecendo, que construamos caminhos e que engessemos algumas coisas. Então, foi um momento muito importante para ampliar o olhar em relação a outros que poderiam estar e pensar uma coisa que sempre foi muito presente, que é a nossa ideia de partilhar e construir redes, porque sempre gostamos e acreditamos muito nisso politicamente. Mas o tempo também nos engole e, muitas vezes, víamos que estávamos somente com redes viciadas e não estávamos olhando para os lados por ausência de tempo. Então, esse tempo de medo e de insegurança nos permitiu nos conectar ou fazer reconexões que trouxeram várias memórias e vários desejos que a vida, às vezes, leva e eles puderam voltar. Então, isso foi muito rico. Inclusive, outra coisa que observo e que percebi nesse período de pandemia é como que, de certo modo, outras pessoas também se conectaram conosco. Foi uma ampliação de pessoas que tinham vontade de se aproximar e não tinham como. Então, por incrível que pareça, na pandemia foi quando trabalhamos mais, talvez, por outras redes que apareceram. Trabalhei com o pessoal de Natal, trabalhei com gente de tantos lugares e nos perguntamos por que nunca pensamos nisso, mas porque havia a resistência de ter que ser somente na presença, de querer ir para o território. É uma possibilidade também, mas ainda fico com a presença. Gosto bem mais de pegar um avião e ir para Natal vivenciar o território, mas também enquanto troca de conhecimento e saberes funciona, agrega e vamos descobrindo até como ter qualidade de presença nessa rede, que é algo possível desde que não trabalhemos doze horas por dia, porque é exaustivo. Enfim, falei bastante. Quer falar mais alguma coisa?

**Ivan Bernardelli** - Acho que por aí nós temos uma série de ações que podemos descrever um pouco melhor e as ações que desenvolvemos se descrevem por si. Então, outra coisa interessante foi entender como documentar a história nas mídias digitais, porque isso passou a ser muito importante, se iria ficar gravado ou se seria uma experiência única e, se vai ficar gravado, o que vale daquela experiência que vai para a rede como arquivo, mas que é instrumento substituível da presença. Inclusive em relação a direitos autorais de imagem, de uso de imagem, som, voz, música, pessoas que concordaram em participar de um



curso gratuito, mas que viraram uma *playlist* no *Youtube*. Então, perceber a qualidade do documento e a falibilidade do documento, o quanto ele também é uma falência de uma coisa que vale como arquivo documental, porque, se pode voltar, é um dinheiro público com o qual fomos contemplados para que pudéssemos fazer o curso, vale a pena voltar porque é um documento histórico, perspectivas muito poderosas de convidadas que trouxemos. Mas enquanto arquivo, ele é um registro que de cara tem uma falha na perspectiva de que ele aconteceu ao vivo. Enfim, acho que é quase uma reprise, tem um documento reprise de uma coisa que foi muito potente e que o seu documento talvez não carregue a mesma potência, diferente das coisas que começamos a pensar para o audiovisual em imersão, imersivo no *Youtube*, no *Instagram*.

**Mônica Augusto** - Sim, no *Instagram* e mesmo em *live*, porque chegou um momento em que começamos a nos perguntar para que e por que postar. Começamos a olhar para a ferramenta mesmo, que está saturada, tem muita coisa, é natural esse tempo de tela, porque também nos afobamos com esse mundo e queríamos ver todas as *lives* e encontrar todo mundo. Entrava na *live* de madrugada dos amigos tocando que, na verdade, era entrar na *live* para sentir que não se estava só, e quantas *lives* gostosas, amigos abrindo e dizendo para conversarmos. Então, isso segurou a vida durante um tempo, só que depois cansou. Mas começamos a estudar também essa ferramenta e a pensar o que faria sentido postar, o que eu deixaria de legado mesmo e como divulgaria para que essa informação chegasse para esses, como esses convidados que chamamos para a *live*, ou o curso mesmo, porque nós demos um curso pela Lei Aldir Blanc e foi muito bacana. Então, muitas pessoas que queriam vir para São Paulo fazer o "História prática da dança no Brasil", um curso que demos duas vezes, e não passou ou não conseguiu vir, poderia estar conosco de algum modo. Então, como isso amplia a nossa abrangência e nossa troca com todes. E agora em agosto pegamos um ProAC, estamos executando. Era um projeto que já estava na incubadora há alguns anos e tinha que nascer, porque já estávamos segurando há um tempo. Quando entrou a pandemia, teria que nascer, senão iria passar. Mandamos e deixamos para o segundo semestre nessa ideia de que as coisas poderiam estar melhores, porque esse trabalho tinha que ser ao vivo. Nós não



queríamos fazer esse trabalho no online, porque teríamos que mudar tudo. Aí, retomamos com todos os protocolos, vendo que as coisas já estavam um pouco mais tranquilas em agosto, mas ainda sem saber se estreariamos ao vivo. Então, topariamos filmar o espetáculo e ter esse registro, mas não vamos fazer pensando no vídeo, porque é um trabalho que precisa da rua, precisa do outro e, particularmente, foi um momento muito sensível de reencontrar outros corpos, só dois corpos a mais no trabalho, dois mundos corporais a mais que vieram integrar esse trabalho. Começamos ensaiando aqui no quintal de casa e retomar tudo, o toque, essa memória. Era de chorar. Alguém está me tocando. Era como fazer uma aula de dança, uma aula de artes pela primeira vez e, também, nos reconhecer enquanto artistas. Cada artista teve uma experiência, mas um movimento de conexão e desconexão do corpo, porque talvez em um primeiro momento, mesmo com os medos, houve uma conexão por conta de um tempo e depois começou a ser um tanto quanto exaustivo quando tivemos que organizar tudo. Então, retomar esse movimento de tocar e ser tocado, de dançar junto e encontrar outras águas suando com você na mesma sala foi um bálsamo, sentir como é boa a presença, porque tínhamos esquecido como era encontrar o outro. E é isso. Semana passada estreamos e parece que foi a estreia há doze anos, quando comecei a fazer teatro, o público, euforia junto com medo, mas muito bom.

**Ivan Bernardelli** - Reencontrar o corpo, o corpo não, porque ele sempre esteve aqui, mas reencontrar o desejo de si no corpo, porque acho que nos períodos mais — e você falou sobre memórias e sentidos —, nos períodos mais pesados do distanciamento e dos protocolos, tivemos aqui em São Paulo uma abertura no final do ano passado e depois tudo fechou novamente. Então, nos momentos mais duros da pandemia, eu ficava pensando que não tínhamos o desejo de dançar, aquela coisa de trabalhar movimentos, suar, estudar, perceber coisas não existia mais. Pensei se não dançaria mais, porque aquele desejo que nos move e discutimos na Dual: para quem? É necessário um outro para que nos movamos? É necessário um encontro com o outro para que movamos? Por que eu me movo? É necessário um espaço determinado, um tempo determinado, uma agenda determinada? Por que muita gente estava na salinha e dançava e fazia a aula como podia, e eu não tinha esse desejo? Não conseguia fazer aula aqui em



casa, nem estudar aulas e nem o próprio corpo.

**Mônica Augusto** - Não dava vontade de treinar. Quando a vontade foi retomando, era um desejo de estar consigo, retomar aquele lugar essencial mesmo, não era o treino. No começo, fomos treinar, fizemos calistenia, musculação, pegávamos botijão de gás, subindo nos muros, fazer pintar a casa, nos primeiros três meses queríamos tudo, e daqui a pouco "Chega! Eu quero ir para rua, eu quero trabalhar!" e foi um movimento não só nosso, mas da companhia, Flavinha, Kleber. E quando conversávamos, falávamos que não estávamos sentindo vontade e a nossa discussão era por que vamos nos mover? E todos entraram em crise. Nossa, eu me movo por conta do outro?

**Ivan Bernardelli** - Isso até apareceu no "Pavão misterioso", essa necessidade de animação. Tínhamos uma proposta de adequação e revisão do projeto que precisávamos finalizar no fomento e era uma coisa que precisávamos seduzir, no bom sentido do termo, precisávamos conversar com as pessoas e encorajá-las a se moverem para produzirem coisas e materiais para o "Bruta mirada".

**Mônica Augusto** - Porque, enquanto artista, todo mundo está tentando promover futuros e, muitas vezes, perdendo os nossos próprios, porque não sabíamos nem de nós. O que eu estou dizendo para o outro? Eu estou dizendo para o outro dançar, e será que meu corpo está com vontade de dançar ou ele está tendo que dançar porque esse é o trabalho? Então, como tudo ficou dentro de casa, eu acho que misturou demais.

**Ivan Bernardelli** - O que é bom também, esse não desejar dançar e entender o que move e como move, se essa produção é para o outro agora, porque isso não fica sempre, era aquele momento. Agora, talvez, eu esteja precisando, estou voltando diariamente a treinar sozinho, voltando a me concentrar na produção de movimento, uma coisa que quero fazer.

**Mônica Augusto** - Foi esse recolhimento, mas acho que é isso, eu gostei, deu para processar várias sensações.



**Flávia Borsani** - Como a fala de vocês se une. Vocês têm uma conexão até no momento de fala, isso é muito legal! E como vocês são poéticos, bonito isso. Só uma questão aqui, o "Pavão" foi feito durante a pandemia, foi totalmente online?

**Mônica Augusto** - Totalmente. Os ensaios junto com o Lucho [Luis Rubio], esse parceiro que o Ivan já tinha, tudo online. Fomos entendendo e ele já estava trabalhando bastante com o online, e tinha uma destreza. Ele trouxe uma destreza no sentido de uma objetividade que foi muito bacana.

**Ivan Bernardelli** - Fotografamos todas as cores, roteirizamos tudo em cor e luz e conseguimos filmar tudo em duas diárias.

**Mônica Augusto** - Duas diárias, mas o processo foi de três ou quatro meses, quatro meses de processo. E o que era muito legal é que nós dois estávamos dirigindo e todos conversavam, fizemos leituras de vários livros, literaturas muito existencialistas. Então, foi um mergulho que mexeu com tudo.

**Ivan Bernardelli** - Flávia conhece bem, ela estuda filosofia.

**Mônica Augusto** - Como ler várias questões que mexeram conosco, é isso. Trabalhamos juntos, somos um casal na pandemia olhando todos os dias para a cara um do outro, com filho, tudo atravessando. Tínhamos acabado de mudar de casa e o Lucho pedia umas tarefas, trazia umas provocações bem distintas até enquanto procedimentos de coisas com as quais estávamos acostumados ou coisas que tínhamos abandonado. Então tinha um frescor nisso, frescor de coisas que você fazia e vem o outro te provoca naquilo.

**Ivan Bernardelli** - Mônica, cadê aquele seu salto?

**Mônica Augusto** - Ele fez o Ivan fazer dublagem, muitas coisas legais; então, foi um processo de vida. Nós três construímos a dramaturgia juntos e fomos filmando conforme o trabalho foi ficando pronto, e fazendo isso que o Ivan falava. Por exemplo, precisávamos de luz à noite, então roteirizamos o filme com luz, com tudo, antes de fazer a gravação no celular e depois contratamos a Fuzuê para dar um acabamento bacana e ter outro olhar profissional nesse sentido, porque se



fosse para o audiovisual, queríamos fazer algo profissional e compartilhar as verbas, que acho que era o mais importante da lei naquele momento, porque estava ruim para todos. Então, um pouco para cada um ajudaria. Fomos assistir muito cinema, descobrimos coisas que sabíamos e já não imaginávamos.

**Ivan Bernardelli** - O André [Mello, bonequeiro] estava em Rio de Contas, na Bahia, e mandou o pavão pelo correio, que chegou em uma caixa de cadeira de escritório, e eu falei "moço, não era aqui essa cadeira de escritório, não".

**Mônica Augusto** - E lembra que teve greve? Teve greve dos Correios e não iria chegar. Mas era isso, um no México, outro na Bahia, cada um em um lugar, nós vivenciando esse processo de discutir mil coisas que o "Pavão" trouxe à tona, essa preocupação com as estéticas e, de repente, o Lucho nos aconselhou a parar e fazer em nossa casa, do jeito que estava, e eu concordei. A coisa era velha, suja, do jeito que estava, porque, às vezes, entramos em uma estética da limpeza e da perfeição e não estava tudo perfeito. Estava tudo torto. Então, de novo as máscaras caindo, nós vendo nossas máscaras lá no chão e tendo que refazer. E depois cada produção, cada encontro que fizemos de *live* passou a ser uma necessidade de vida, de vida no sentido de nos mantermos em movimento. Esse lugar das conversas, e que tivemos muitas, fizemos muitas *lives* e muitos encontros, nos alimentaram demais e foram movimento também, foi uma organização. Dar nome para as coisas, trazer palavra, olhar para o nosso percurso, olhar para o percurso de outros. Porque tem isso, eu te conheço e há quanto tempo não nos vemos, mas eu olho para você, Flávia, e relação de tempo que tenho é a mesma, com algumas pessoas criamos um afeto, um carinho, uma conexão que continua. Às vezes, em nossas andanças da vida, perdemos parte da vida dos colegas, como perde das nossas. Então, foi um momento de se preocupar com o outro, perguntar como o outro estava, fazer parcerias para trabalhar juntos, que nunca aconteceram, e perceber que as companhias têm tudo a ver.

**Ivan Bernardelli** - E de fazer repensar produção no século XXI, produção de dança, as curadorias, as programações de dança.

**Mônica Augusto** - Mas é isso, falamos bastante.



**Flávia Borsani** - E para finalizar, eu vou fazer uma provocação. O que ficará para a Dual desta pandemia, deste período?

**Ivan Bernardelli** - Veremos.

**Mônica Augusto** - Veremos, não, a vida. Tudo se ressignificou no sentido de como é bom, como é bom estar vivo, como é bom se mover, e as cobranças ficaram mais leves. Eu tenho muitas cobranças como artista, tenho os meus lugares estéticos, tenho meus lugares de ultrapassar meus próprios limites e acho que qualquer um que busca um trabalho, e falávamos muito de uma palavra e ainda falamos, ser impecável nas coisas, e não é que eu não queria mais ser impecável, mas há outras sutilezas.

**Ivan Bernardelli** - Há outros impecáveis que interessam mais. Eu acho que fica a ideia de que muita coisa ficará para trás, um pouco nisso, nesse sentido que Mônica disse. Talvez isso seja amadurecer, talvez isso seja passar dos dez anos de companhia. Essencialmente, aprendemos muito e aprendemos que é necessário dizer que não sabe para podermos compreender novos processos. E eu me lembro que no curso desses dois anos, 2020 e 2021, não nesses dois anos, mas no curso que eles vêm trazendo de dez, quinze anos atrás, nós finalmente abrimos agenda para discussões que não estavam sendo postas em pauta e que as mídias digitais e redes sociais escancararam. Aprender a debater e dialogar é uma coisa que sempre prezamos e quisemos, e acho que estamos aprendendo cada vez mais abrir espaço para isso.

**Mônica Augusto** - E para estar ao lado de quem preserva a vida no sentido de que a pandemia foi um grande momento onde o corpo político se posicionou, não no sentido de quem fez isolamento total ou não, porque sabemos em que condições nós vivemos, sabemos que não tem essa romantização e essa poesia toda de ficar em casa quem pode, pois muitas pessoas não puderam, muitas pessoas partiram, muitos amigos, mas essa sutileza de rever o próprio trabalho artístico em um lugar em que são muitas as verdades. De certo modo, sempre buscamos e refletimos sobre isso, mas, às vezes, caímos nas armadilhas de nós mesmos, de achar que estamos muito efetivos, e não tem efetivo nenhum quando



não há parceiros, quando não há saúde. Então, isso me moveu muito para olhar com uma generosidade mais humana, e quando eu digo mais humana é em uma crítica que agrega até aquilo que enquanto discurso está, mas de olhar com outra poesia para o olho de quem está se expressando em sua arte, repensar o lugar de glória, de reconhecimento, porque para nós, como artistas, foi o momento de ver como já estamos em tantos lugares, acessamos tantas pessoas, mas as pessoas já estão. Olha quantos amigos e quantas coisas nos inspiram, ou o quanto se inspiram em nós, então isso é bom.

**Ivan Bernardelli** - E acho que, por fim, mas não, enfim, não deu para não mergulhar e não sair completamente transtornado e transformado, arrancando capas e colocando outras questões à baila. As coisas pareciam tão fáceis, um vídeo de um pavão andando no telhado, um existencialismo alemão, sul-coreano, brasileiro, um cordel que vira um romance policial, "Bruta mirada" que vira a ideia de um sertão que é revisitado a partir de suas próprias marcas e que o sertão não é aquela terra rachada e seca, é dentro. Então, vamos ter que olhar dentro. E tivemos mortos e pessoas que seus corpos físicos não conseguimos mais abraçar. As *lives* que gostaríamos de fazer com algumas pessoas não serão mais possíveis nesse plano e como não ser...

**Mônica Augusto** - Como processar daqui para frente esses imaginários, de tantos amigos que abrimos um *Instagram* e soubemos que morreu, como processar essa imaterialidade. Eu não sei ainda, eu falo que não deu tempo de chorar, porque são outros tempos. Perdemos o costume de ligar, de falar, e passamos tanto tempo falando tanto, e agora silêncio.

**Ivan Bernardelli** - Logo no começo da pandemia, perdemos o maestro Martin Lutero, não tem nem como nominar.

**Mônica Augusto** - Foi muita gente: Penha Pietra, Ismael, familiares e, em alguns momentos, eu esqueço, porque não parece ser verdade. Então, agora será a peregrinação também, que é sobre história novamente, não deixar a memória enterrada. Por isso a memória tem que permanecer viva, de fazer a peregrinação e pisar nessas terras para onde nossos amigos e tantas pessoas foram e não



pudemos nem nos despedir. Plantá-los.

**Ivan Bernardelli** - Plantá-los.

**Mônica Augusto** - Eu pensei mais duas coisas que ficaram para mim da pandemia. O risco, e isso vem para minha arte, e o cuidado. Risco e cuidado. Eu aprendi bastante sobre isso com a pandemia: a me arriscar mais, porque a vida é muito sutil, e a cuidar de mim e do outro.

## Referências

AUGUSTO, Mônica. *Entrevista concedida a Ana Luiza Cardoso em 7 de agosto de 2020*. Disponível em: <https://urbanidade.com.br/entrevista-com-monica-augusto-e-ivan-bernardelli-blog-e-urbanidade/>. Acesso em: jun. 2023.

MARQUES, Flávia Brassarola Borsani. *Narrativas pandêmicas: modos de produção da dança contemporânea na cena paulistana*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1267026?guid=1686080347363&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1686080347363%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1267026%231267026&i=1>. Acesso em: jun.2023.

WELLER, W.; ZARDO, S. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. *Educação e Contemporaneidade*, v. 22, n. 40, p. 131-143, 2013.

Recebido em: 12/12/2023

Aprovado em: 28/02/2024